

ESTADO DE SÃO PAULO Decisão deixa a Arena perplexa

13 ABR 1964

Da sucursal de
BRASILIA

A reação dos líderes da Arena à decisão do senador Paulo Brossard, de não mais permanecer no plenário, sempre que estiver na tribuna o líder governista Eurico Rezende, foi de perplexidade. O próprio presidente da Casa, Petrônio Portella, não escondeu sua surpresa, quando informado daquela decisão drástica do líder gaúcho, que poderá, inclusive, ser seguida por toda a bancada.

A exemplo do vice-presidente da Arena, Jarbas Passarinho, o presidente do Senado considera essa reação uma declaração de guerra, achando sem sentido o comportamento da minoria, pois o general Geisel não iria sequer pensar em destituir Eurico Rezende devido ao incidente com a oposição.

Vale registrar que as principais figuras da Arena no Senado, se não apóiam a reação de Brossard, também não estão dando razão ao comportamento de Eu-

rico Rezende. Lamentam, inclusive, a declaração de rompimento de relações, reaceando, muitos deles, que essa atitude venha a provocar represálias. Um dirigente arenista observou, preocupado, que uma vez retirando o plenário em sinal de protesto, sempre que Eurico Rezende ocupar a tribuna, o MDB, logicamente, estará incentivando a bancada da maioria a utilizar o mesmo método, retirando-se quando Brossard estiver discursando. Haverá o "impasse", por sinal inédito no Parlamento, de consequências imprevisíveis, tal a sua gravidade.

O papel de Petrônio Portella no episódio é de fundamental importância. Ele é presidente do Senado e foi eleito pelas duas bancadas para dirigir toda a casa. C e r t a m e n t e , o e x - governador do Piauí, apesar de sua fidelidade ao Palácio do Planalto, saberá agir acima das legendas e mais preocupado com o bom nome da instituição que integra e eventualmente preside.

Dá não ter importância prioritária, como parece que está recebendo, o fato de se procurar saber, por meio de registro taquígrafico, quem foi o primeiro a chamar o outro de mentiroso ou a dizer que era mentira o que estava sendo declarado. O importante é que houve palavras ofensivas, agravos pessoais, retaliações, tudo ferindo a ética parlamentar, a tradição da Casa, provocando hiatos nas relações, pelo menos cordiais e respeitadas, que devem marcar homens tão experientes, como são os que exercem mandato representativo na Câmara Alta.

Além disso, como observaram destacados senadores da Arena, o líder Eurico Rezende pode até não ter sido o primeiro a falar em mentira, mas depois de sua "brincadeira" na última sexta-feira, quando transformou sua declaração ao imposto de renda em "declaração de interesse nacional", é difícil todos acreditarem, no primeiro instante, na sua versão.

O que também ajuda a

agregar a situação é a notória antipatia de Petrônio Portella em relação a Paulo Brossard, desde os primeiros dias do mandato do parlamentar gaúcho.

Ambos são homens que cultivam o prestígio, gostam de ser alvos dos "flashes", focos de luzes, das atenções de repórteres, fotógrafos, cinegrafistas, de boa platéia. Os dois senadores não cultivam a modestia e são, indiscutivelmente, os dois destaques do Parlamento. Portella não consegue esconder o esforço que faz para se conter, quando Brossard está na tribuna e ele na presidência. Ambos já travaram o bom combate no plenário, ainda que sem agravos e retaliações, mas com exaltação e veemência.

Hoje, um continua brilhando na tribuna e o outro precisa ficar confido às normas regimentais, a tudo ouvindo e procurando dar condições para lhe assegurar a palavra, trônica às vezes, veemente em outras, mas sempre ouvida e comentada, dentro e fora do Congresso. F.M.